



**EDUCAÇÃO FÍSICA UMA ABORDAGEM  
INTERDISCIPLINAR ATRAVÉS DO JOGO: ESTUDO COM  
ALUNOS SÍNDROME DE DOWN DE 09 A 14 ANOS NA  
APAE - MACAPÁ**

**MARCIONE BARRETO FIGUEIREDO**

**MACAPÁ - AP  
2012**

**MARCIONE BARRETO FIGUEIREDO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA UMA ABORDAGEM  
INTERDISCIPLINAR ATRAVÉS DO JOGO: ESTUDO COM  
ALUNOS SÍNDROME DE DOWN DE 09 A 14 ANOS NA  
APAE - MACAPÁ**

Trabalho Monográfico apresentado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília - Polo Macapá - AP.

Orientador(a): Ketsia Rosana Costa Vaz

**MACAPÁ - AP**

**2012**

# **TERMO DE APROVAÇÃO**

**MARCIONE BARRETO FIGUEIREDO**

## **EDUCAÇÃO FÍSICA UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR ATRAVÉS DO JOGO: ESTUDO COM ALUNOS SÍNDROME DE DOWN DE 09 A 14 ANOS NA APAE – MACAPÁ**

Trabalho Monográfico defendido e aprovado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II e no Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília – Pólo Macapá – AP

---

Professor

---

Professor

---

Professor

**DATA:** 10 de Dezembro de 2012.

**CONCEITO FINAL:**

**MACAPÁ – AP**

**2012**

III

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu Marido Roberto Célio, aos meus Filhos Maxisley Iuan, Gabriely Figueiredo e Gabriel Figueiredo, pelo incentivo e apoio incondicional que fizeram esta conquista possível. A minha família meu Pai Alantino Nascimento, a minha Mãe Maria Barreto, aos meus irmãos Marcia Helena, José Roberto, Marcelina, Marcilene, Alfredo e Alantino Junior, e aos meus queridos sobrinhos, pessoas queridas que me apoiaram e sempre estarão ao meu lado em cada conquista.

## AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha gratidão àqueles que tornaram possível a realização deste trabalho. Em primeiro lugar a Deus sem o qual nada podemos.

Aos meus colegas professores colaboradores da instituição da APAE-Macapá, aos meus queridos alunos os quais são a fonte de meus esforços e estudos em prol de novos desafios.

Aos coordenadores do curso no Polo Macapá-AP UNIFAP em especial a Dayane Brito que com seu carinho e dedicação sempre nos incentivou a continuar caminhando para concluir o curso.

A minha orientadora Ketsia Rosana Costa Vaz que com toda calma e paciência me deu o tempo necessário para que pudesse me encontrar em meus estudos e produção deste.

A minha co-orientadora Ivanilda Pinto de Holanda que com seus conhecimentos e experiência me deu auxílio nas dificuldades na construção do conhecimento.

A todos aqueles que me motivaram de uma forma ou de outra.  
Obrigada!

Que a honra seja dada a Deus!  
Com amor Marcione Barreto.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	XI
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1.2. OBJETIVOS</b> .....	14
1.1 Objetivo geral.....	14
1.2 Objetivos específicos.....	14
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	16
2.1- Desenvolvimento e aprendizagem da criança com Síndrome de Down....	16
2.2 - atendimentos da criança com Síndrome de Down na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Macapá - AP.....	20
2.3 - Contribuições da Educação Física, com ênfase aos jogos Lúdicos, para alunos com Síndrome de Down.....	27
2.3.1 - A ação lúdica do jogo e as pessoas com Síndrome de Down.....	29
2.3.2 - A Educação Física e a interdisciplinaridade.....	31
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	33
3.1 - Caracterização da pesquisa.....	33
3.2 - Unidade de Análise.....	33
3.3 - Definição e critérios de seleção da amostra.....	33
3.4 - Técnicas e procedimentos de coleta de dados.....	34
3.5 - Procedimentos de análise de dados.....	34
<b>4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	36
4.1. Concepção dos professores de educação física e da sala de aula sobre as atividades realizadas através de jogos lúdicos com alunos com SD.....	36
4.2. Resposta dos alunos com Síndrome de Down em relação às atividades desenvolvidas nas aulas de educação física.....	44
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	51
<b>LISTAS DE APÊNDICES</b> .....	54
APÊNDICE A - Roteiro de Observação do Ambiente de Aprendizagem.....	55
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista com as Crianças.....	56
APÊNDICE C - Questionário para o Docente de Educação Física.....	
APÊNDICE D - Questionário Para o Docente de Sala De Aula.....	62
<b>LISTAS DE ANEXOS</b> .....	65

ANEXO A - Termo de Ciência da Instituição.....	66
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (professores)	67
ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (alunos).....	68

## LISTA DE FIGURAS

GRÁFICO 01	Parceria entre os professores da sala de aula e os de Educação Física.....	38
GRÁFICO 02	Análise relacionada a concepção dos professores de educação física sobre os alunos com SD.....	41
GRÁFICO 03	Processo de aprendizagem do aluno com Síndrome de Down	44



## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

QUADRO 01	Análise relacionada a concepção dos professores de educação física sobre os alunos com SD.....	35
QUADRO 02	Processo de aprendizagem do aluno com Síndrome de Down	37
QUADRO 03	Atividades pedagógicas que estão contribuindo para a aprendizagem do aluno com Síndrome de Down.....	42
QUADRO 04	Atividades realizadas nas aulas de educação física.....	45

## **LISTAS DE SIGLAS, ABREVIações E SÍMBOLOS**

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

EF - Ensino Fundamental

ELASMA - Escola Lobinho Antônio Sergio Machado de Almeida

PNE - Pessoa com Necessidades Especiais

SD - Síndrome de Down

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

# **EDUCAÇÃO FÍSICA UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR ATRAVÉS DO JOGO: ESTUDO COM ALUNOS SÍNDROME DE DOWN DE 09 A 14 ANOS NA APAE - MACAPÁ**

## **RESUMO**

O estudo focaliza os jogos lúdicos, trabalhados na Educação Física, como atividade interdisciplinar e sua contribuição para a aprendizagem do aluno com Síndrome de Down na sala de aula. Verifica de que forma ocorre essa inter-relação entre os componentes curriculares e procura identificar situações com jogos lúdicos que estimulem o desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual. Adota como metodologia uma abordagem qualitativa descritiva, crítica e reflexiva em uma pesquisa participante. Participaram da pesquisa 2 professores de Educação Física, 2 professores da sala de aula que atuam diretamente com 4 alunos que fizeram parte da investigação sendo todas do sexo feminino. Dessa forma, realiza a princípio uma pesquisa bibliográfica, buscando na literatura pertinente pressupostos teóricos que ajudassem a responder às questões levantadas na problemática do tema em estudo. Foram utilizados questionários semiestruturados para os docentes, um roteiro de entrevista para os educandos, assim como Roteiro de Observação do Ambiente de Aprendizagem. Como procedimento de análise e discussão dos dados emprega o recurso de Análise do Discurso, buscou-se ainda contribuir para a valorização das capacidades dessas crianças, sugerindo alternativas de reorganização das estratégias de ação dos professores e de todos envolvidos neste processo, com base em uma perspectiva lúdica. Sugere que as atividades pedagógicas realizadas através dos jogos lúdicos levem em consideração o planejamento das ações em conjunto, pois dessa forma, se efetiva o trabalho interdisciplinar e conseqüentemente se cria uma unidade nas ações didáticas, e ao mesmo tempo promove a aprendizagem do educando com Síndrome de Down, de forma significativa e prazerosa.

Palavras-chaves: Jogo; Síndrome de Down; Educação Física; interdisciplinaridade.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de um estudo realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Macapá. Este aborda a Educação Física como aprendizagem interdisciplinar através da ação lúdica do jogo, para alunos com Síndrome de Down de 09 a 14 anos do 1º ciclo do Ensino Fundamental.

Este estudo é uma importante contribuição para esta entidade, tendo em vista as dificuldades encontradas para incluir o aluno com Síndrome de Down na rede comum de ensino. Assim, a prática interdisciplinar pode representar uma considerável melhoria na qualidade da educação, pois as conexões estabelecidas entre a área de Educação Física e os demais componentes curriculares reduzem a fragmentação entre as áreas de ensino, além de fortalecer a inter-relação entre o corpo e o aspecto intelectual do indivíduo com Síndrome de Down.

A educação inclusiva cria mecanismos e oportunidades de acesso aos diversos níveis de conhecimento, porém se faz necessário mudanças estruturais e pedagógicas nas instituições de ensino para receber o indivíduo com deficiência de qualquer natureza. Tais mudanças estão associadas aos princípios de educar a todos sem qualquer discriminação, regidos pela ética pela cidadania. Assim, novas práticas pedagógicas são imprescindíveis no sistema de ensino, para atender as necessidades educacionais de sua clientela.

A política educacional brasileira dispõe de alguns documentos de origem nacional e internacional, como a Declaração Internacional dos Direitos do Homem (1948), a Declaração de Salamanca (1994), a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases LDB 9394 (1996), a Política Nacional de Educação Especial PNEE (1999), que servem de fundamentação e orientação das diretrizes educacionais para o atendimento educacional adequado às necessidades especiais dos alunos, com vistas à inclusão dos mesmos nas escolas de ensino comum.

A partir desse novo paradigma, a escola abre-se para a diversidade e a educação das pessoas com deficiência intelectual tornar-se um desafio, pois ao longo da história o conceito de deficiência sempre esteve associado ao de incapacidade, a incompetência, enfatizando que a suposta deficiência estava no ser

humano e não na estrutura educacional. Diante dessa nova perspectiva, repensar os objetivos da escola e suas práticas requer o envolvimento de todos os setores do ambiente educacional.

Deste modo, práticas pedagógicas inovadoras como a interdisciplinar no ambiente escolar, tornam-se uma proposta facilitadora do processo ensino - aprendizagem, considerando que o foco em estudo, a Educação Física, trabalha o indivíduo de forma integral, não se restringindo apenas à aquisição de habilidades. Sua ação está fundamentada na concepção de corpo em movimento, logo os aspectos afetivos, cognitivos e físicos estão intimamente relacionados, possibilitando o desenvolvimento do educando.

Na atualidade, os pressupostos teóricos da prática pedagógica do movimento apaeano estão diretamente relacionados ao processo de inclusão. Este novo paradigma permite compreender a organização educacional da APAE-Macapá numa perspectiva de inserção social ampla, historicamente diferenciado de simples modelo de atendimento clínico. Assim, alunos com Síndrome de Down são trabalhados através de diversas atividades que contribuem para a sua aprendizagem, dentre elas, os jogos lúdicos, os quais têm dinamizado o processo ensino-aprendizagem dessa instituição.

Nesta perspectiva, o problema proposto para a pesquisa em questão, evidência como os jogos trabalhados nas aulas de Educação Física podem contribuir para a aprendizagem do aluno com Síndrome de Down. Esses educandos apresentam atraso global no desenvolvimento psicomotor que comprometem vários domínios como motricidade fina e/ou grosseira, linguagem, cognição, competências sociais e pessoais, entre outras. Então, intervenções pedagógicas que envolvam os aspectos físicos e intelectuais estimulam o potencial desse aluno.

Os jogos lúdicos trabalhados nas aulas de Educação Física são práticas diárias desse componente curricular, porém o diferencial é a relação interdisciplinar estabelecida com os conteúdos da sala de aula. Essa conexão tem como elemento básico o esquema corporal, que é o ponto de referência para ação do indivíduo no meio social.

## 1.2. OBJETIVOS

### 1.2.1. Objetivo Geral

Compreender como os jogos lúdicos trabalhados de forma interdisciplinar nas aulas de Educação Física contribuem para aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down na sala de aula da escola APAE-Macapá.

### 1.2.2. Objetivos específicos

- Verificar se as atividades com jogos lúdicos nas aulas de Educação Física estão sendo planejados de forma interdisciplinar;
- Identificar situações através dos jogos lúdicos que estimulam a aprendizagem do aluno com Síndrome de Down.

Neste sentido a metodologia de trabalho tem uma abordagem qualitativa que evidência a relação dinâmica entre o meio social e o sujeito da pesquisa, sendo necessário um estudo aprofundado do cotidiano investigado. Desse modo, será realizada uma descrição dos fatos que ocorrem espontaneamente na prática de Educação Física e no ambiente da sala de aula, as quais permitirão uma análise mais detalhada das atividades pedagógicas interdisciplinares e possíveis avanços na aprendizagem do aluno com Síndrome de Down.

E para compreensão dessa realidade, o trabalho está disposto em três capítulos. O primeiro realiza a fundamentação teórica que discorre sobre a aprendizagem do aluno com Síndrome de Down, o atendimento deste educando na APAE- Macapá e a contribuição da Educação Física, com ênfase aos jogos lúdicos, para os alunos acima mencionados.

O capítulo segundo descreve a metodologia de trabalho que tem como sujeitos da pesquisa quatro alunos com síndrome de Down, dois professores de Educação Física e três professores da sala de aula.

O último capítulo faz a análise e discussão dos resultados da pesquisa que envolve a concepção dos professores de Educação Física e da sala de aula sobre a

prática interdisciplinar realizada através dos jogos lúdicos, além de expor a opinião dos alunos sobre as atividades pedagógicas efetivadas no ambiente escolar. E por fim, as considerações finais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Desenvolvimento e aprendizagem da criança com Síndrome de Down.

A síndrome de Down (SD) é caracterizada por uma anomalia genética que provoca atraso no desenvolvimento global do indivíduo. Este desequilíbrio é explicado pela distribuição inadequada de cromossomos, no momento da divisão celular.

No processo de divisão celular, em condições normais, o indivíduo apresenta 46 cromossomos em cada célula, os quais estão dispostos em pares. No entanto, se surgir um cromossomo adicional; isto fará com que, ao invés de 46, o indivíduo apresente 47 cromossomos. Este cromossomo extra, se localizado no par 21, o indivíduo nascerá com trissomia 21, conhecido como Síndrome de Down.

O nome Síndrome de Down surgiu a partir da descrição de John Langdon Down, médico inglês que descreveu em 1866, pela primeira vez, as características de uma criança com esta síndrome. Porém, foi em 1958, que o geneticista francês Jérôme Legitime identificou a trissomia do 21.

O diagnóstico da criança com SD é realizada, inicialmente, pelo aspecto fenotípico, ou seja, pela aparência facial. Os sinais fâcies do recém - nascido, permitem um diagnóstico preliminar. Porém, o diagnóstico definitivo é realizado através do estudo cromossômico.

“A aparência e as funções de todo ser humano são determinados, principalmente, pelos genes. Da mesma maneira, as características físicas de crianças com SD são formadas por influência de seu material genético. (...) Entretanto, em virtude do material genético adicional no cromossomo 21 extra, crianças com SD também têm características corporais que ele conferem uma aparência diferente.(...) Como o cromossomo 21 extra se encontra nas células de toda criança com S.D, ele exerce uma influência na formação do corpo em todas as crianças de forma semelhante. Assim, crianças com SD apresentam muitas características em comum e se parecem um pouco entre si”. (PUESHEL,1992,P77)

As características físicas são resultados das alterações cromossômicas, porém não há um padrão de comportamento e desenvolvimento para a criança com



SD o que há de constantes nas pessoas com essa síndrome é a deficiência intelectual, sendo inevitável o atraso global de desenvolvimento desse indivíduo.

(...) “o desenvolvimento mental e as habilidades intelectual dessas crianças abrangem uma larga extensão entre o retardo mental severo e a inteligência próxima do normal. Inclusive, o comportamento e a disposição emocional destas crianças variam significativamente: Algumas crianças podem ser plácidas e inativas, enquanto outras podem ser hiperativas. A maioria das crianças com SD, porém apresentam comportamento normal”. (PUESCHEL, 1992, P.106)

É importante salientar como resultado da alteração genética, a criança portadora da SD apresenta problemas de saúde, com algumas doenças associadas.

(...) “os principais problemas médicos encontrados em pessoas com SD, são anomalias congênitas percebidas nos recém-nascidos, e que exige atenção imediata. As condições clínicas ocorrem com frequência, neste indivíduo, durante os anos subsequentes da infância, como as doenças infecciosas, aumentando de absorção nutricional, doenças das gengivas, desordens convulsivas, apneia do sono, deficiência visual e auditiva, problemas de tireoide e assadura”. (PUESCHEL, 1993, P.85, 86)

Além desse quadro, crianças com essa síndrome apresentam tônus muscular pobre, força muscular reduzida e coordenação muscular limitada. Essas características implicam diretamente no processo de desenvolvimento desta. Nesse caso faz-se necessário a intervenção precoce, através do trabalho de fisioterapia, para impulsionar a interação dessa criança com o meio social.

Claire (1998) apud Maia e Borf (2008), citado por SANTOOS, NETO, GAMA (2011, p.5) dizem “que com relação ao desenvolvimento de crianças com SD, pode-se dizer que existe uma grande extensão no período de realizações, em que uma variedade de fatores pode ocasionar um atraso nesse desenvolvimento, se comparada com crianças que não possuem SD. (...) Devido o processo mais lento de informação, pode demorar mais para obter-se sinais de curiosidade e iniciativa na criança com SD, entretanto, com ajuda, a aprendizagem ocorre, de fato, embora em ritmo mais lento”.

O reflexo da evolução lenta da aprendizagem da criança com SD irá comprometer a aquisição de marcos motores básicos. Isto indica que a idade

cronológica das crianças com SD para estes acontecimentos serão superiores, quando comparados aos das crianças normais.

(...) “todos os marcos do desenvolvimento motor surgirão mais tarde, com a idade média para sentar-se sozinho ocorrendo por volta dos nove meses (6 – 16 meses); fica em pé com apoio por volta dos 15 meses (8-26 meses) e anda por volta 19 meses (13 – 48 meses). (...) Em crianças normais, essa aquisições ocorrem de sete meses (5 -9 meses) para sentar, oito meses (7 - 12 meses ) para ficar em pé com apoio, com doze meses ( 9 - 17 meses) para andar”. (SCHWARTZMAN e Colaboradores, 2003, P.60 )

A extensa aquisição dos marcos motores básicos da criança com SD, demonstra que o atraso global do desenvolvimento psicomotor, compromete vários domínios do desenvolvimento como a motricidade fina, ou grosseira, a linguagem, as competência sociais e pessoais; às atividades da vida diária. É importante considerar que os fatores ambientais exercem forte influência no desenvolvimento de qualquer criança.

(...) “No que se refere ao comportamento e padrão de desenvolvimento que a criança com SD apresentará, é importante assinalar, que não há um padrão estereotipado e previsível em todas as crianças afetadas, uma vez que tanto o comportamento, quanto o desenvolvimento da inteligência não depende exclusivamente da alteração cromossômica, mais também do restante do potencial genético bem como das importantíssimas influências derivadas do meio”. (SCHWARTZMAN e Colaboradores, 2003, P.5)

Essa abordagem permite novas perspectivas de compreensão nos processos de desenvolvimento cognitivos dos portadores de SD. Considerando que a interação com o meio social e os estímulos derivados desse, impulsionam significativamente a aprendizagem de qualquer criança.

Cabe ressaltar que além de interação social com meio ambiente, é importante que seja realizado intervenções nos aspectos físicos e intelectuais da criança SD, o mais precocemente possível. Este trabalho estimula o potencial que a criança possui, uma vez que proporcionam à elaboração de estratégias específicas direcionadas as necessidades de cada indivíduo com SD.

“Para Vygotsky, a aprendizagem está presente desde o início da vida da criança. Qualquer situação de aprendizagem tem sempre um histórico precedente, ao mesmo tempo em que produz algo inteiramente novo no

desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, a inteligência é definida como habilidade para aprender (...)”(Palangana, 2001, p.128).

Assim, o processo de desenvolvimento da criança não se dá de dentro para fora, mas de fora para dentro, ou seja, do social para o individual.

Nos estudos de Vygotsky (1997), fica claro que as crianças portadoras de necessidades educativas especiais e aquelas sem problemas aparentes aprendem e se desenvolvem pelas mesmas vias. O aparecimento das funções superiores de conduta se dá no coletivo. O social é provocador das aprendizagens em seres humanos.

Desse modo, as diferenças qualitativas no ambiente social, promovem aprendizagem e conseqüentemente ativam diferentes processos de desenvolvimentos. A família tem um papel fundamental nesse processo, pois cabe a esta oportunizar os meios necessários para as futuras conquistas da criança Down. Dentre essas conquistas está a escola, a qual representa um desafio para o indivíduo com deficiência intelectual.

As dificuldades de aprendizagem da criança com SD são reais, porém o professor pode trabalhar conteúdos enriquecidos com atividades e/ ou metodologias renovadas e atraentes capazes de contribuir para que a criança venha a ser alfabetizada e letrada.

Neste sentido, a educação física assume um importante papel, pois é através da ação psicomotora que a criança constrói um a imagem positiva do próprio corpo e consegue relacioná-lo com o meio ambiente. Para as crianças com SD, este trabalho é fundamental, uma vez que sua prática oferece inúmeras possibilidades educacionais, essenciais, para o desenvolvimento motor e intelectual da criança.

A inclusão escolar e social do portador da SD é possível, sendo imprescindível que a escola, enquanto instituição organizadora do processo educacional oportunize a criança o prazer e a alegria em aprender, criando um ambiente de interação e riqueza de estímulos.

## **2.2. Atendimento da criança com Síndrome de Down na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Macapá - AP**

A atual sociedade é fruto de toda uma trajetória da história do homem enquanto ser social e, para que se entenda esta sociedade e preciso que se compreenda como os homens produzem os seus meios de vida e ao produzir estes meios de vida, o homem produz a sua própria vida.

A trajetória histórica revela que a pessoa portadora de deficiência sempre viveu à margem, excluída da sociedade desde o Brasil Colônia onde as crianças eram citadas como anormais. A partir de 1990, as discussões, em nível mundial, referentes à educação das pessoas com necessidades especiais tomam uma dimensão maior. No Brasil, podemos ressaltar a Nova LDB 9.393/96, que em seu Capítulo V, aponta que a educação dos portadores de necessidades especiais deve se dar preferencialmente na rede regular de ensino, o que implica uma nova forma de entender a educação de integração dessas pessoas.

Assim, tal sociedade caracteriza-se pelas desigualdades sociais, onde fica claramente explícito a existência de preconceito a determinados grupos de pessoas, por exemplo, as pessoas com deficiência, os idosos, os desempregados, os negros, entre outros.

O grande desafio é inserir grupos marginalizados em uma sociedade competitiva que prima unicamente pela produtividade. Este cenário de desigualdade social pode ser amenizado quando se tem políticas públicas voltadas para o campo educacional, pois a participação competente e criativa no mundo do trabalho depende de uma sociedade justa e solidaria, a qual proporcione o pleno exercício da cidadania para qualquer indivíduo, independente da sua condição biopsicossocial.

Nesta perspectiva, as pessoas com deficiência podem ser beneficiadas com a educação especial, a qual é parte integrante do sistema educacional brasileiro, constituindo-se como modalidade da educação escolar que se destina ao atendimento das necessidades educacionais especiais de pessoa com deficiência.

Assim, enquanto modalidade de educação escolar entende-se a educação especial como um conjunto de recursos e serviços educacionais especializados organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal do educando que apresenta necessidades educacionais muito diferentes da maioria das crianças e Jovens.

Neste sentido, a educação especial, enquanto modalidade de educação escolar deve se organizar de modo a considerar uma aproximação sucessiva dos pressupostos e da prática pedagógica social da educação inclusiva, de acordo com os dispositivos legais vigentes no país.

“Incluir quer dizer fazer parte, inserir, introduzir. E inclusão é o ato ou efeito de incluir. Assim, a inclusão social da pessoa portadora de deficiência significa torná-las participantes da vida social, econômica e política, assegurando o respeito aos seus direitos no âmbito da sociedade e pelo Estado, pelo poder político”. (Oliveira, 2001, p.13)

Tal compreensão permite definir a educação especial numa perspectiva de inserção social ampla, historicamente diferenciada de todos os paradigmas até então exercitados como modelos formativos, técnicos, e limitados de simples atendimentos terapêuticos. Trata-se, portanto, de uma educação escolar na qual suas especificidades, em todos os momentos, devem estar voltadas para a prática da cidadania. Construindo-se, assim uma instituição escolar dinâmica, que valorize e respeite a diversidade do aluno e na qual o educando seja sujeito do seu processo de conhecer, aprender, reconhecer e produzir sua própria cultura.

Desse modo, a inclusão social dessa parcela da sociedade é assegurada quando os direitos específicos, os quais decorrem das necessidades especiais do deficiente, estão diretamente ligados à vigência dos direitos humanos fundamentais. Isto possibilita a criação de condições que permitem o seu acesso ao bem-estar econômico, social e cultural.

“Em 1990, a declaração mundial sobre educação para todo já recomendava medidas que garantissem “a igualdade de acesso à educação dos Portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte do sistema educativo. Porém, foi em 1994, com a Declaração de Salamanca, na

Espanha, que o projeto de escola inclusiva foi mais precisamente delineado”. (FACION, 2009, p.57)

Essas conferências possibilitaram um novo enfoque no sistema educacional brasileiro, possibilitando importante contribuição na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996. A partir de então, fica claro que a o ensino regular deve criar mecanismos para atender a diversidade do aluno especial. Essas mudanças não estão apenas ligadas às condições de acesso ao conhecimento, mas também de permanência da pessoa com deficiência ao ambiente educacional.

“A sociedade tomou consciência da necessidade de prestar apoio às pessoas deficientes no final do século XVIII e início do século XIX. Era, porém, um apoio com caráter assistencial oferecia-se a elas abrigo, alimento, medicamento e algumas atividades para ocupar o tempo (...). Antes desse período era considerado normal sacrificar as crianças, que apresentavam algumas anormalidades. No século XVII, os deficientes passaram a ser internados em orfanatos, manicômios, ou seja, eram excluídos do convívio social”. (BERGAMO, 2009, P.41)

Como se observa a exclusão das pessoas com deficiência vem longa data. A compreensão da condição do indivíduo, nesses momentos históricos, está associada ao nível de desenvolvimento da sociedade. Desse modo, a iniciativa de apoio às pessoas com deficiência surgiu através da criação de instituições especializadas.

Dentro essa instituição surge as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAES), em 11 de Dezembro de 1954. A partir de então, o movimento Apaeano expandiu-se por todo o Brasil.

<sup>1</sup>“As APAES têm como missão: promover e articular ações de defesa de direitos, prevenções, orientações, prestações de serviço, apoio à família, direcionadas a melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e à construção de uma sociedade justa e solidária”.

Neste contexto , em 27 de Setembro de 1966, foi fundada a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Macapá. A APAE é uma sociedade civil de caráter assistencial sem fins lucrativos de duração ilimitada. Após dez anos de sua

---

<sup>1</sup> Trecho encontrado no Projeto Político Pedagógico da APAE Macapá, 2005. p. 8

fundação, em 22 de maio de 1976, iniciou as atividades educacionais através da Escola Lobinho Antônio Sergio Machado de Almeida - ELASMA.

### **Objetivos da escola da APAE- Macapá:**

- Atender pessoas com deficiência intelectual e múltipla;
- Oferecer à pessoa com deficiência condições adequadas para o desenvolvimento do seu potencial proporcionando sua inclusão no meio social;
- Oferecer a educação básica nos níveis e modalidades de ensino, Educação Infantil, Educação Fundamental, Escolarização de Jovens e Adultos, Programas Pedagógicos Específicos e Educação Profissional, conforme a necessidade e demanda, para os educando com deficiência intelectual e múltipla cujas necessidades educativas exigem adaptações Curriculares específicas que não são respondidas pela escola regular;
- Oferecer formas alternativas de educação escolar, como currículos adaptados e funcionais visando o desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e adultos com deficiência intelectual e múltipla, garantindo-lhe acesso, permanência e sucesso na escola.

É importante ressaltar que o atendimento ofertado pela Escola Lobinho Antônio Sérgio Machado de Almeida é de caráter pedagógico, estando qualquer intervenção de natureza clínica e psicopedagógico subordinado ao cumprimento das metas educativas previstas e operacionalizado no currículo escolar;

A ELASMA adota o sistema de ciclos caracterizados pelo regime de progressão continuada dentro de cada fase ou etapa de estudo do aluno. A organização da ação educacional em ciclos situa a escola em um espaço novo de trabalho com várias possibilidades pedagógicas de modo a torná-la não só mais capaz de reconhecer e lidar com as diferenças que os alunos apresentam, mas também considerar suas múltiplas dimensões, conhecimento, objetividade, sexualidade, cidadania e ética.

Nessa perspectiva, a ELASMA realiza além de trabalho pedagógico, o atendimento clínico: fisioterapia, psicologia, fonoaudióloga, psicopedagogia, os quais dão suporte ao trabalho educacional.

O trabalho com a criança com Síndrome de Down (SD) tem início, na APAE-Macapá, através do atendimento de fisioterapia. Este trabalho é essencial para as aquisições motoras básicas, uma vez que estas emergem em tempos superiores aos de crianças com desenvolvimento normal, sendo a hipotonia muscular uma das grandes contribuições para este atraso.

“É importante dizer que a sequência de desenvolvimento motor da criança com SD, geralmente se assemelha a de uma criança “dita normal”, embora os grandes objetivos sejam alcançados de forma mais lenta. A demora para adquirir habilidade, de certa forma quebra um pouco as expectativas que a família e a sociedade possam vir a ter com o desenvolvimento da criança com esta síndrome”. (FEITOZA, 2011, não publicado)

O trabalho com a criança com SD tem continuidade através do processo de escolarização, ou seja, da educação infantil que inclui a educação precoce (0 a 2 anos), maternal (03 anos) 1º período (05 anos) Ensino Fundamental (06 a 14 anos), Educação de jovens e adultos (15 a 17 anos) e Educação Profissional (17 anos em diante). Os alunos recebem, também, atendimentos de informática, artes, educação física e natação.

A prática pedagógica da ELASMA tem como objetivo atender as diferentes manifestações comportamentais entre as pessoas com deficiência intelectual e múltipla; bem como diferentes habilidades, potencialidades, interesses, necessidades, inclinações e competências.

Sendo que, as ações pedagógicas buscam sempre inserir, incluir as pessoas com deficiência no meio social. Essa prática inclusiva está diretamente relacionada, também, à educação física, pois esta, enquanto componente curricular tem conseguido atender as necessidades individuais do aluno com SD, através de atividades com jogos e recreação, os quais envolvem não só aspectos físicos, mas também, cognitivos, afetivos e sociais. Esse tipo de procedimento pedagógico cria a oportunidade de inserir o deficiente em qualquer ambiente educacional.



Assim, a atividade de Educação Física ganhou uma dimensão significativa no ambiente escolar da APAE-Macapá, devido a relação interdisciplinar estabelecida com os demais componentes curriculares, o que tem demonstrado uma prática pedagógica significativa que visa atender a especificidade do deficiente intelectual.

As atividades dessa área são desenvolvidas através de projeto que apresenta os seguintes objetivos:

**Gerais:**

- Contribuir com o processo de construção do corpo, incentivando a participação em atividades de Educação Física, buscando valorizar o homem em sua realização plena, respeitando todos os aspectos da dimensão humana e do meio ambiente;
- Melhorar a qualidade de vida do deficiente intelectual e múltiplo, em todos os sentidos;
- Contribuir com o desenvolvimento do individuo no campo competitivo.

**Específicos:**

- Oportunizar a todos o acesso e a participação nas atividades voltadas a Educação Física, desporto e lazer;
- Estimular a interação e inclusão de todos buscando a construção de valores e atitudes por meio da cooperação e solidariedade;
- Desenvolver a consciência e expressão corporal, de forma lúdica e criativa, mediante a participação no processo de planejamento, realização e avaliação das atividades;
- Desenvolver habilidades que possam contribuir para a formação do individuo como atleta, visando o espírito competitivo;
- Expandir e aprofundar a consciência crítico-social transformadora da realidade.

E ainda, segundo o projeto, é grande a importância dessa área para as pessoas com deficiência intelectual e múltipla, pois o corpo, o movimento e a

ludicidade são aspectos educacionais indissociáveis que oferecem oportunidades adequadas ao desenvolvimento integral do ser humano.

Ressalta-se que as atividades de Educação Física têm como referencia eixos estruturados, os quais norteiam sua prática, tais como:

- Ludicidade-aprendizagem: destaca-se a importância do prazer, da brincadeira e do jogo;
- Individualidade- sociabilidade: refere-se às diferenças individuais, respeitando as limitações e estimulando as potencialidades do homem;
- Competitividade - cooperatividade: oportunizam uma prática com equilíbrio de capacidade entre competidores, organiza as regras em função das necessidades do desenvolvimento e resolve os prováveis conflitos, que surgem no grupo, sendo também um elemento motivacional de relação interpessoal;
- Progressividade - continuidade: refere-se à importância do professor conhecer o momento histórico do desenvolvimento dos alunos, adequando suas necessidades e conteúdos, de maneira a atender as necessidades momentâneas de cada um;
- Heteronímia – autonomia: está relacionado à importância de oferecer ao individuo um universo diversificado de experiências motoras, pois quanto mais diversificado for o mundo de suas vivências, maior será o domínio corporal e maiores serão as possibilidades de aprendizagem e aprimoramento das formas, das expressões culturais do movimento;
- Orientação - criatividade: visa orientar o aluno para a proposição de descobertas de novos movimentos, procurando não culpar o erro. Esse erro deve ser visto como parte integrante do processo de desenvolvimento e obstáculo natural que pode servir de alavanca para realizar o inédito e aprimorar o já conhecido.

Diante do exposto, a Educação Física torna-se um meio privilegiado de ação, pois atua de maneira integral, abordando o homem na totalidade, procurando desenvolver os aspectos motores, afetivos e emocionais do indivíduo.

### **2.3 - Contribuição da Educação Física, com ênfase aos jogos lúdicos, para alunos com Síndrome de Down.**

A Educação Física é uma prática pedagógica significativa, no âmbito escolar, pois contribui para a formação integral do educando. Sua ação não se restringe apenas a aquisição de habilidades físicas, contribui, também, para o desenvolvimento das potencialidades humanas. Neste sentido, as aulas dessa disciplina estão inseridas em um contexto social, político, filosófico, cultural e educacional.

“O trabalho na área da Educação Física fundamenta-se nas concepções de corpo e movimento (...). Embora os aspectos corporais sejam mais evidentes, mais facilmente observáveis e a aprendizagem esteja vinculada à experiência prática, o aluno precisa ser considerado como um todo, no qual aspectos afetivos, cognitivos e corporais estejam inter-relacionados em todas as situações”. (Ferreira, 2006, p. 21)

De acordo com a legislação em vigor, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), a Educação Física é componente curricular, integrada à proposta pedagógica da escola. A obrigatoriedade estende-se à educação básica, ajustada a faixa etária e às condições da clientela escolar.

Assim, a Educação Física como parte integrante do sistema educacional, com aulas incluídas na matriz curricular, passa a ter valor sociopolítico e cultural que, além de ensinar métodos e técnicas esportivas, contribui efetivamente para o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos. Nesta perspectiva, a prática dos exercícios físicos está ligada ao afetivo, ao social, e ao intelectual.

“Pode-se então verificar que houve uma mudança muito grande no que diz respeito ao pensamento sobre a prática da atividade física nas escolas. Antes, nas décadas de 1960 e 1970, a Educação Física era totalmente voltada para o desempenho técnico e físico do aluno, e tinha seus objetivos voltados para o desenvolvimento e aprimoramento das forças físicas, morais e cívicas, buscando a descoberta de novos talentos que pudessem participar de competições internacionais”. (Ferreira, 2006, p.23)

Ferreira (2006) enfatiza ainda que: “a Educação Física passou a ter, então, fins humanistas, voltados para a formação integral do aluno; esta formação integral corresponde à relação existente entre a formação psíquica (mental) e motriz

(movimento) da criança. Tem como objeto o homem, seu corpo em movimento em relação ao mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com outro, com os objetos e consigo mesmo”.

Com as mudanças das políticas educacionais, o enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor e social, possibilitando uma cultura corporal que contempla conhecimentos produzidos pela sociedade a respeito de corpo e movimento, na busca do prazer e da saúde. Assim, a Educação Física deixa de ser uma atividade fim para tornar-se uma atividade meio. Não se espera uma resposta padrão de todos os alunos. O importante é estabelecer, através de sua prática, objetivos que estimule o aluno a conhecer seus limites e possibilidades, pois, neste sentido, abre espaço para todos independentes de suas condições biopsicosocial, tornando-se, desse modo, uma prática inclusiva.

Essa prática inclusiva pode ser desenvolvida através dos jogos lúdicos, os quais representam uma forma de intervenção pedagógica dinâmica e alegre, capaz de criar um sentimento de autonomia no aluno.

Para Friedmann (1996), citado por Soler (2005), o jogo aprimora algumas dimensões humanas, tais como:

- Desenvolvimento da linguagem: o jogo é o canal por meio do qual os pensamentos e sentimentos são comunicados pela criança;
- Desenvolvimento cognitivo: o jogo dá acesso a um maior número de informações;
- Desenvolvimento afetivo: o jogo é a oportunidade que a criança tem para expressar seus afetos e emoções;
- Desenvolvimento físico-motor: as interações da criança em ações motoras, visuais, táteis e auditivas sobre os objetos do seu meio é essencial para o seu desenvolvimento integral;
- Desenvolvimento moral: a construção de regras cria uma relação de respeito com o adulto ou com outras crianças.

Então, está evidente que o jogo é uma atividade pedagógica fundamental para a formação do ser humano, logo possui grande importância para o processo de

aprendizagem do aluno com SD. Este recurso pedagógico estimula o indivíduo agir sobre o meio social, possibilita a interação com seus pares e ao mesmo tempo permite a construção do conhecimento.

### **2.3.1 - A ação lúdica do jogo e as pessoas com Síndrome de Down.**

“É essencial auxiliar a criança com SD, desde muito cedo, a desenvolver os interesses e habilidades necessárias para a realização de uma variedade de atividades físicas e recreativas, como jogar bola, nadar e acompanhar ritmos com o movimento. A alegria e satisfação derivada do uso afetivo do corpo contribuirão no sentido de tornar as experiências futuras de vida da criança mais compensadora”. (PUESCHEL, 1993, p.123)

Para isso, a inclusão da pessoa com deficiência deve ser compreendida, como processo social amplo, onde todos os seguimentos da sociedade faça parte. Em se tratando de educação inclusiva, deve-se procurar desenvolver e construir modelos educativos que rejeitem a exclusão e promovam uma aprendizagem livre de barreiras.

A educação inclusiva embasa mudanças nas práticas educacionais e sociais e garante o pleno direito de acesso e participação das pessoas com deficiência nos espaços comuns de aprendizagem. É importante ressaltar que o convívio entre as crianças que possuem SD e as que não possuem é positivo, e também para os professores, porque dessa forma faz crescer ainda mais o respeito entre as diferenças, evita restrições no círculo de amizades, seja pela aparência, deficiência, religiões ou raça.

“O papel do professor de Educação Física na Inclusão, como em qualquer outra modalidade de ensino, é de proporcionar novo aprendizado, apresentando ao seu aluno, o novo e o desconhecido, pois diante do desafio, a criança tende a assimilar o conhecimento, utilizando os recursos motores e mentais que possui. É fundamental que o professor atue como mediador entre o conhecido e o educando sempre dando espaço para a reflexão: fazer, e muito mais importante do que isto, compreender o que faz”. (SOLLER, 2005, p.107)

Deste modo, é importante que os professores de Educação Física escolar planejem suas atividades, respeitando a individualidade e o ritmo de aprendizagem do aluno com SD. Esses indivíduos apresentam dificuldades relacionadas ao comprometimento das funções cognitivas como: habilidade para usar conceitos

abstratos, memórias, percepção geral, habilidades que incluem imaginação, relações interpessoais, esquema corporal, habilidades no raciocínio, transferência na aprendizagem.

Diante dessa realidade, o processo educativo da criança com SD deve ocorrer de forma sistemática e organizada. O ensino deve ser trabalhado de forma agradável e desperte o interesse da criança. Assim, o movimento que é a característica básica da Educação Física, deve ser o elemento dinamizador do processo ensino- aprendizagem.

“As atividades lúdicas podem contribuir significativamente para o processo de construção do conhecimento da criança. Vários estudos a esse respeito vêm comprovar que o jogo é uma fonte de prazer e descoberta para a criança. Nesta perspectiva, ele tem muito a contribuir com as atividades pedagógicas durante o desenvolvimento de qualquer aula”. (SANTOS, 1998, p.49)

Assim, é necessário entender que a utilização do jogo lúdico como recurso pedagógico no processo de aprendizagem da criança com SD, é um caminho possível para ir ao encontro da formação destes e do atendimento de suas necessidades. Por isso é importante enfatizar que a pessoa com deficiência intelectual aprende como qualquer pessoa, porém em um ritmo mais lento. É necessário respeitar às suas limitações e possibilidades, e, a partir de então, inserir este aluno nas atividades propostas pelo processo educacional.

As atividades com jogo lúdico permitem a exploração e a construção do conhecimento, favorecem o uso de diferentes tipos linguagem e estimula a motivação interna do sujeito. O termo lúdico esta relacionado às ações de brincar, que é um ato natural do ser humano. Através da ação voluntária que este ato proporciona, a criança imita diferentes papéis, expressa diferente sentimentos em relação ao meio e as pessoas.

“A perspectiva de Vygotsky em relação à valorização do fator social mostra que, no jogo de papeis , a criança cria uma situação imaginaria, incorporando elementos do contexto cultural adquirido por meio da interação e da comunicação. A noção central é a de que se constitui uma zona de desenvolvimento proximal, em que se diferencia o nível atual que a criança alcança com a solução dos problemas independentes do nível de desenvolvimento potencial marcado pela mediação do adulto. O jogo é o

elemento que irá estimular o desenvolvimento dentro da zona de desenvolvimento proximal”. (RAU, 2007, p. 45)

A zona de desenvolvimento proximal constitui-se por ações ou atividades do contexto social que a criança não consegue realizar sozinha, necessitando, neste caso, de pessoas mais experientes do que ela para efetuar suas interações e realizações. Neste ambiente de mediações sociais, aos poucos, a criança impulsiona seu repertório de aprendizagem.

É importante ressaltar, que o jogo lúdico faz parte do cotidiano da criança, então, é uma ação voluntária desta sozinha ou em grupo. Ela constrói uma ponte entre a fantasia e a realidade, o que a leva solucionar conflitos por meio da imitação, ampliando suas possibilidades linguísticas, psicomotoras, afetivas, social, e cognitivas.

### **2.3.2 - Educação física e a Interdisciplinaridade.**

O trabalho interdisciplinar apresenta um caráter totalizante, porém deve respeitar a especificidade de cada disciplina, pois o conhecimento não se processa em campos fechados, pode estabelecer diálogos, conexões, de maneira que crie novos desdobramentos da realidade e de suas representações.

“Pensar na interdisciplinaridade como processo de integração recíproca entre várias disciplinas e campos de conhecimento, rompendo estruturas de cada uma dela para alcançar uma visão unitária e comum do saber, trabalhando em parceria é, sem dúvida, uma tarefa que demanda um grande esforço de todas as partes envolvidas no referido processo”. (FERREIRA, 2006, p.31)

Nessa perspectiva Ferreira (2006), argumenta que: “os profissionais de educação física estão voltando a se aproximar das outras disciplinas curriculares, buscando subsídios teóricos que forneçam suporte para instituir uma nova forma de trabalho que venha contribuir, não só para formação corporal pura e simplesmente, mas para uma formação psicofísica-social do educando, preocupando-se com a aprendizagem e com o rendimento escolar, oportunizando uma Educação Psicomotora de base, prevenindo assim os desvios e defasagem no processo evolutivo da criança”.

Este novo paradigma da Educação Física favorece a interdependência entre os diversos ramos do conhecimento, podendo, desse modo, estabelecer pontos de conexão entre os conteúdos escolares. Essa aproximação sucessiva entre as disciplinas escolares tem como referência o esquema corporal, elemento básico e indispensável para a formação do indivíduo.

“Essa nova imagem da Educação Física a partir da regulamentação da profissão, possibilitou uma nova abordagem do corpo e uma nova imagem do sujeito. O sujeito que aprende através do movimento, da ação, da interação e acima de tudo de acordo com suas condições biopsicossocial. O movimento do corpo marca uma nova época, tornando-se necessário relacionar a aprendizagem escolar com o processo de desenvolvimento motor-cognitivo da criança”. (FERREIRA, 2006, p.35)

Diante do exposto, a Educação Física, no âmbito escolar, torna-se uma disciplina facilitadora do processo ensino-aprendizagem, sua prática amplia a participação pedagógica e proporciona uma relação mais estreita com a sala de aula. Os estímulos dados ao corpo e ao intelecto são fatores que dinamizam a aquisição e o desempenho de habilidades fundamentais ao processo de inclusão da pessoa com SD.

É fundamental evidenciar que o fator interdisciplinar está associado a dinâmica escolar, que exige a participação coletiva de todos os envolvidos no processo educacional através do planejamento, pois este é o ponto de interligação entre os componentes curriculares. Considerando que as atividades esportivas, recreativas, de lazer, ministradas nas aulas de Educação Física, são práticas pedagógicas meio que fortalecem ainda mais a aprendizagem do aluno com SD.



### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. Caracterização da pesquisa**

O estudo do cotidiano das aulas de Educação Física requer uma pesquisa com abordagem qualitativa, para que se possa desvendar questões relativas aos processos de aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down no ambiente escolar. Segundo SILVA (2004), “*o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave*”. Neste sentido, o pesquisador fará uma descrição fiel dos acontecimentos possibilitando um estudo contínuo de indagações que, por intermédio da pesquisa, permitirá proceder ao levantamento do foco em análise.

“Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”. (SILVA. 2004, p. 14)

Como toda pesquisa de cunho acadêmico científica requer um estudo aprofundado não somente do cotidiano no qual será realizada a investigação, como também a realização de um levantamento bibliográfico de obras, artigos e documentos que podem nortear o trabalho científico, para que no decorrer da pesquisa se realize o confronto entre os resultados e o referencial teórico.

#### **3.2. Unidade de análise**

A pesquisa foi realizada na Escola Lobinho Antônio Sérgio Machado de Almeida, mantida pela APAE-Macapá-AP. localizada no município de Macapá – AP, no Bairro do Pacoval na Avenida Paraíba, 168.

#### **3.3. Definição e critérios de seleção da amostra**

Os sujeitos da pesquisa correspondem a 04 (quatro) alunos com Síndrome de Down, entre 09 (nove) e 14 (quatorze) anos, do 1º Ciclo (1ª e 2ª séries) do Ensino Fundamental, dos turnos matutino e vespertinos da referida instituição. 02 (dois) professores de Educação Física e 03 (três) professores que atuam na sala de aula

com os respectivos educandos, A amostra representa 100% dos professores de Educação Física da escola.

### **3.4. Técnicas e procedimentos de coleta de dados**

Os procedimentos para coleta de dados ocorreram inicialmente, com autorização da escola campo, através do Termo de Concordância. Após este procedimento ser deferido deu-se início a pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi direcionado aos professores e responsáveis dos alunos, posteriormente realizou-se a aplicação de questionários semiestruturados aos educadores, preenchimento do roteiro de entrevista com os alunos, realização de relatório de observação do ambiente de aprendizagem, além de conversas informais com os educadores.

Na análise, deu-se ênfase aos processos de aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down ocorrido através dos jogos lúdicos nas aulas de Educação Física, assim como as respostas dos professores subsidiaram as informações sobre a prática interdisciplinar no ambiente escolar. A coleta de dados ocorreu nos meses de Agosto a Setembro de 2012, por meio dos instrumentos já citados, que serão apresentados em anexo ao final do trabalho.

### **3.5. Procedimentos de análise dos dados**

Com os dados coletados, se organizará a tabulação dos mesmos. No caso das observações será realizada uma descrição fiel dos fatos. Com relação aos questionários semiestruturado, os resultados serão expostos através de quadros e gráficos, elaborados com a utilização do programa Excel, e, ainda por meio de análise comparativa das respostas dos sujeitos da pesquisa.

Neste contexto, se realizará uma análise dos fatos que ocorreram durante as práticas de Educação Física e no ambiente da sala de aula, o que possibilitará uma compreensão do comportamento e dos possíveis avanços da aprendizagem dos alunos com SD. Assim foi possível investigar se as atividades desenvolvidas através dos jogos lúdicos estão em conexão com os conteúdos abordados em sala de aula.

Durante a pesquisa, foram levantados os pressupostos teóricos pertinentes que serviram de suporte para um melhor entendimento a respeito do tema proferido. Após o embasamento teórico deu-se a análise crítica que norteou o objeto pesquisado. Desta forma, procurou-se analisar se os jogos lúdicos trabalhados nas aulas de Educação Física, estimulam a aprendizagem do educando, de forma interdisciplinar.

## 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As respostas dos professores subsidiaram as informações sobre a prática interdisciplinar no ambiente escolar.

### 4.1. Concepção dos professores de educação física e da sala de aula sobre as atividades realizadas através de jogos lúdicos com alunos com SD.

No processo da pesquisa foi observada a prática pedagógica dos professores e verificou-se que estes procuram diversificar as atividades através dos jogos lúdicos, os quais envolvem os aspectos motor e intelectual dos alunos com SD. Tais atividades são planejadas, organizadas e adaptadas de acordo com as necessidades educacionais do aluno. Porém, constatou-se que os recursos materiais disponíveis para realização dessa prática são bem limitados o que exige muita criatividade por parte dos educadores.

Desse modo, o jogo lúdico tornar-se um instrumento facilitador da aprendizagem do aluno com Síndrome de Down, pois estabelece relações entre o conteúdo proposto e as diversas dimensões do indivíduo tais como afetiva, social, cognitiva e motor.

Assim, a deficiência intelectual do aluno com SD, torna-se um limite transponível e sua aprendizagem é potencializada pelos estímulos que as situações pedagógicas com jogos proporcionam.

#### Quadro 01- Análise relacionada a concepção dos professores de educação física sobre os alunos com SD.

PROFESSORES	CONCEPÇÃO SOBRE O ALUNO COM SD
Prof de EF (a)	Não tem diferença, é um aluno como todos os outros, tem suas habilidades e potencialidades.
Profº de EF (b)	Sujeito ativo, capaz de responder aos estímulos, agindo sobre eles, construindo e organizando seu próprio conhecimento.
Profº de sala de aula (C)	Uma pessoa com especificidades, capaz como qualquer outra pessoa que precisa de estímulos para interagir e desenvolver suas habilidades.

Profº de sala de aula (d)	São pessoas carinhosas com grande capacidade de compreensão.
Profº de sala de aula (e)	Uma pessoa que tem suas diferenças, porém pode desenvolver suas atividades superando suas dificuldades.

Fonte: Questionário aplicado aos professores da APAE - Macapá.

De acordo com o quadro 01, os educadores possuem uma concepção positiva sobre o aluno com SD, pois estes acreditam na aprendizagem e potencialidade destes educandos. Assim, os consideram como sujeitos ativos, capazes de responder aos estímulos, e de construir e organizar seu próprio conhecimento, ou seja, são alunos como qualquer outro que precisam de estímulos para interagir e desenvolver suas habilidades.

Cunningham (1995), citado por Schwanezman e colaboradores (2003, p.247), constatou que, considerando que crianças com SD apresentam respostas semelhantes e em sequência semelhante nas situações de aprendizagem, o conteúdo dos programas escolares podem ser similar ao utilizado com outras crianças. Por outro lado, como o processo que elas utilizam é diferente, a maneira como a informação é apresentada deve ser diferente.

Neste sentido, o conceito de inteligência estaria ligado conforme argumenta Schwartzman e Colaboradores (2003), “a uma visão atual, segundo a qual, a inteligência seria um conceito dinâmico, produto da história interativa do indivíduo e que pode sofrer modificações em função da qualidade da interação-ambiente”.

Desse modo, a dinâmica escolar é fundamental para potencializar a aprendizagem de aluno com SD, pois atender a diversidade implica planejar intervenções didáticas que venham de encontro às necessidades e especificidades do aluno deficiente.

A diferença intelectual, as dificuldades de atenção e memória dos alunos com SD, tornam sua aprendizagem mais lenta e exigem dos educadores maior criatividade e dinamicidade nas práticas pedagógicas.

Sobre a aprendizagem dos alunos com SD, foi realizado o seguinte questionamento aos professores. O que você pensa sobre o processo de aprendizagem deste aluno? Quadro 02.

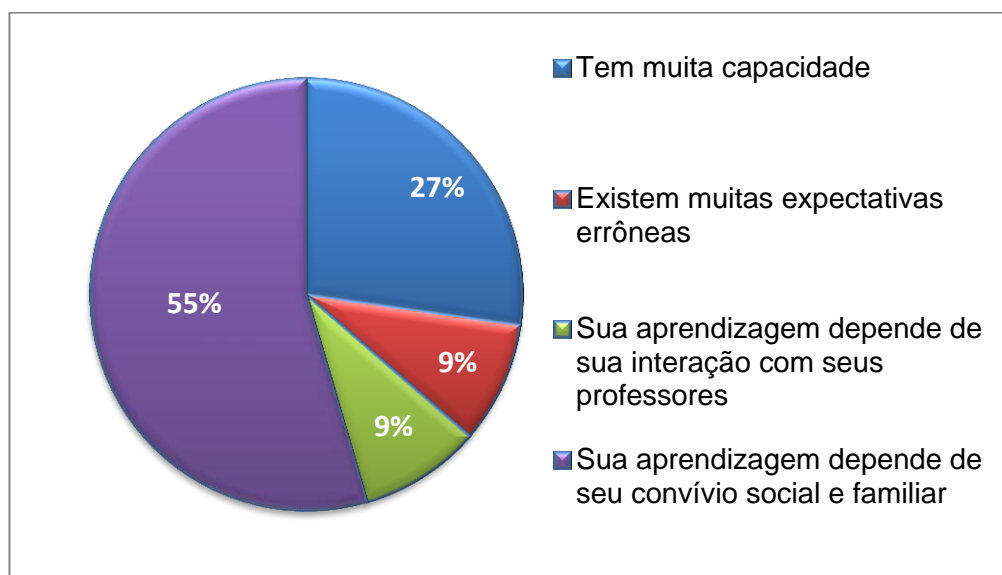
### Quadro 02 - Processo de aprendizagem do aluno com Síndrome de Down

PROFESSORES	RESPOSTAS			
	Existem muitas expectativas errôneas	Tem muita capacidade	Sua aprendizagem depende de seu convívio social e familiar	Sua aprendizagem depende de sua interação com seus professores
Prof. E.F (a)		X	X	X
Prof. E.F (b)	X	X		
Prof. Sala de aula (c)	X	X	X	X
Prof. Sala de aula (d)		X	X	
Prof. Sala de aula (e)			X	X

Fonte: Questionário aplicado aos professores da APAE - Macapá.

De acordo com o quadro, os educadores (b) e (c) acreditam que ainda existem expectativas errôneas sobre a aprendizagem do aluno com SD. Essa concepção é baseada apenas no aspecto cognitivo deste indivíduo, deixando de considera-lo nas dimensões afetivos, social, motor, entre outras. Porém, as expectativas com relação à aprendizagem dessa clientela são favoráveis, de acordo com os outros professores, como mostra o quadro. A família e o convívio social têm papel importante nesse processo, considerando que as relações estabelecidas com meio social estimulam a aprendizagem. Os professores evidenciam que o aluno com SD aprende, mesmo com o déficit cognitivo.

**Gráfico 01 - Processo de aprendizagem do aluno com Síndrome de Down.**



Fonte: Questionário aplicado aos professores da APAE - Macapá

De acordo com o gráfico 55% dos professores acreditam na capacidade de aprendizagem dos alunos, 27% afirmaram que a aprendizagem dos mesmos depende de seu convívio social e familiar, 9% afirmaram que sua aprendizagem depende de sua interação com seus professores e 9% afirmaram que existem expectativas errôneas relacionada à aprendizagem dos alunos com síndrome de Down. Esta aprendizagem torna-se mais efetiva com a utilização de atividades pedagógicas planejadas envolvendo o jogo lúdico, tornam as aulas mais prazerosas, dinâmicas que possibilitam a integração entre corpo e mente, ou seja, atividade física, atividade intelectual, atividade social e afetiva, inter-relacionadas facilitando o processo ensino aprendizagem.

O processo interdisciplinar pode ser observado entre os componentes curriculares e o conjunto de conhecimentos está interligado.

“Não tem como ensinar um jogo ou desporto sem perpassar pelas medidas da quadra, que é pura matemática. Fora a “soma” dos pontos, as “divisões” de equipes, a “diminuição” de obstáculos para chegar ao objetivo do jogo (...). Compete aos professores lançarem mão desse recurso para enriquecer suas aulas e com certeza facilitar a aprendizagem de ambos: Assim é imprescindível que o planejamento das atividades pedagógicas sejam realizado de maneira interdisciplinar, pois permite a evolução na aprendizagem do aluno com Síndrome de Down”. Ferreira (2006, p. 42)

O que faz a diferença nessa aprendizagem, no ambiente educacional, são as estratégias e metodologias que respeitem o ritmo de aprendizagem deste educando.

Em seu artigo Bissoto (2005) argumenta que: “as ações educacionais (...) devem também se levar em conta o entendimento de que cada portador de SD possui um processo de desenvolvimento particular, fruto das condições genéticas e sócio- históricas próprias. Assim, o desenvolvimento cognitivo deste será tão mais efetivo quanto menor forem os estereótipos a limitarem as concepções que se tem desse”.

Como se observa o indivíduo Síndrome de Down possui potencial significativo para aprendizagem, porém, faz-se necessário criar as condições e mecanismos para que a aprendizagem aconteça.

- Foi perguntado aos docentes se as adaptações curriculares feitas pela escola, para atender as necessidades dos alunos com Síndrome de Down contribuem para o processo de aprendizagem?

Estes foram unânimes e afirmaram que sim, pois atende as especificidades e diversidade do aluno. Porém em alguns conteúdos, os professores informaram que sentem dificuldades para adaptar o material pedagógico para seus alunos. Nestes casos, os educadores realizam pesquisas o que ajuda bastante, segundo informaram.

Bergamo (2004) esclarece que: “isso quer dizer que, ainda que o currículo expresse claramente as aprendizagens consideradas essenciais e constitua-se num referencial de educação para todos os alunos, este deve sofrer as adaptações necessárias para permitir ao alunado apropriar-se dessas aprendizagens nele estabelecido. Argumenta ainda, que tais adaptações são necessárias porque as pessoas com deficiência fazem parte da sociedade e, portanto, tem direito de ter suas necessidades atendidas”.



Logo, é importante que o conteúdo programático trabalhado através das atividades pedagógicas esteja interligado, criando condições para a prática interdisciplinar.

As adequações são necessárias para que o aluno com Síndrome de Down tivesse melhor desenvolvimento. Nas atividades com jogos, observadas, verificou-se materiais de tamanho e cores variadas como bolas, cabo de vassoura, bambolês, entre outros. É indispensável que estes alunos sejam beneficiados com todas as possibilidades de aprendizagem que o ambiente educacional oferece.

Segundo Vygotski, citado por Soler (2005, p. 135), uma criança portadora de necessidades especiais não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que as demais, apenas se desenvolve de forma diferente.

“Uma preocupação, que a Educação Física Escolar deve ter é não adaptar demais as aulas, pois quando esse procedimento é feito, as pessoas com necessidades especiais (PNE<sup>s</sup>) sentem-se constrangidos, porque na realidade não estão sendo aceitos e respeitados. A ideia é: tudo que a pessoa que não é portadora de necessidades especiais faz, o PNE pode fazer também”. (SOLER, 2005, p. 135)

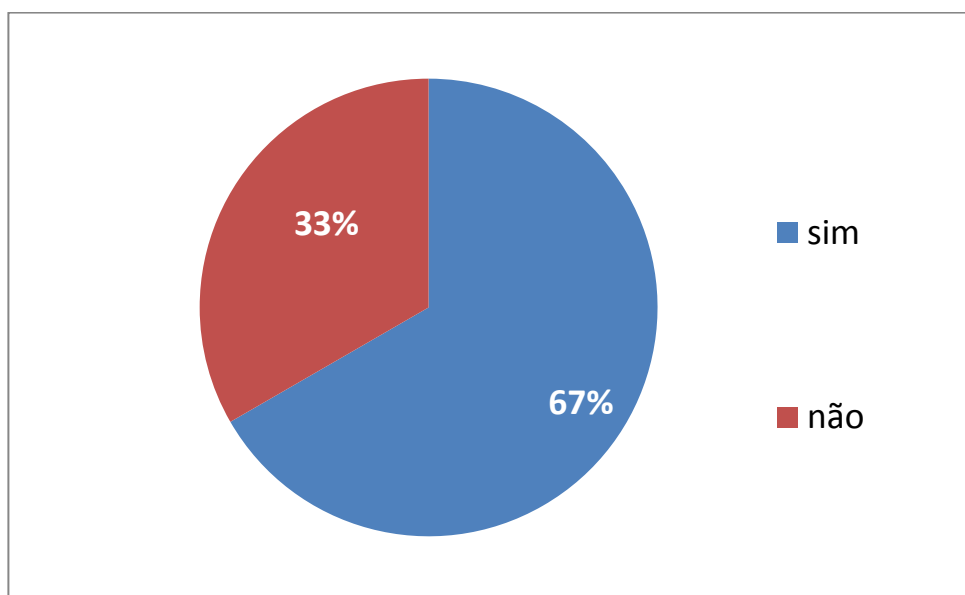
Isso significa dizer que os objetivos no processo de aprendizagem são iguais para todos os alunos, porém o que faz a diferença na aquisição do conhecimento pelo educando são as estratégias utilizadas pelo professor na realização de suas aulas. Assim, é possível verificar que dificuldade está travando a aprendizagem do aluno. Nesse contexto, as dificuldades de aprendizagem mostram-se mais evidente, quando o aluno não constrói e esquema corporal de forma adequada.

“Este desenvolvimento é conseguido através de atividades de controle do tônus muscular, deslocamentos globais do corpo e equilíbrio, (...), controle, coordenação, educação postural, educação do equilíbrio e das sensações. Daí a grande contribuição que a Educação Física pode dar através de sua especificidade e das atividades que realiza”. (FERREIRA, 2006, p. 38)

Isto demonstra que o aluno não é um ser fragmentado que aprende e se relaciona com o conhecimento de maneira desarticulada, mas sim de maneira unitária, de acordo com seu ritmo e desenvolvimento físico e intelectual.

Quanto ao processo interdisciplinar realizado em parceria com a sala de aula, os professores foram questionados se este ocorria na prática.

**Gráfico 02 - parceria entre os professores de sala de aulas e os de Educação Física.**



Fonte: Questionário aplicado aos professores da APAE - Macapá

De acordo com gráfico, 67% dos professores responderam sim, pois o planejamento das atividades pedagógicas em grupo permite a troca de experiência entre os professores o que permite organizar as atividades de acordo com as necessidades do aluno, tornando está mais dinâmicas e significativas para o educando com Síndrome de Down. E 33% responderam que não. Isso demonstra que neste contexto, a prática interdisciplinar precisa ser fortalecida discutida entre os professores, coordenação pedagógica e gestores, pois tal proposta, ainda mostra-se fragmentada e desvinculada do conhecimento global.

Neste sentido, a ação pedagógica através da prática interdisciplinar estabelece a relação entre as diversas disciplinas o que possibilita uma nova postura diante do conhecimento. O professor oferece instrumentos para que o aluno articule conteúdos das diversas áreas do saber com sua vida em sociedade.

“A educação da criança com Síndrome de Down é uma atividades complexa, entre outras razões pela necessidade de introduzirem-se adaptações de ordem curricular que requerem cuidadoso acompanhamento de educadores, dos pais e da sociedade (...). as dificuldades de aprendizagem, os distúrbios de conduta, a problemática de sua integração completam, mas não esgotam o quadro da educação do aluno com SD”. (SCHWARTZMAN, 2003, p. 233)

Deste modo, a busca pela unidade de pensamento através da relação de reciprocidade entre as diversas áreas do saber, estimula o desenvolvimento do aluno com SD como um todo, de acordo com suas condições e possibilidade.

“Uma criança com deficiência perceptivo-motora pode apresentar falta de habilidade para as atividades cotidianas, falta de vontade de participar das atividades, falta de predominância lateral, dificuldade em associar símbolos e formas, constante desconcentração, dificuldades em interpretar direções laterais, incapacidade de citar partes do corpo, dificuldade em colorir símbolos grandes e incapacidade de reproduzir letras, números e símbolos corretamente. Dai a grande importância da interação e a comunicação existente entre as disciplinas, buscando a integração do conhecimento num todo harmônico e significativo”. (FERREIRA, 2003, p. 38)

Os professores foram questionados sobre quais atividades pedagógicas estão contribuindo para aprendizagem do aluno com SD? Quadro 03.

**Quadro 03 - Atividades pedagógicas que estão contribuindo para a aprendizagem do aluno com Síndrome de Down**

PROFESSORES	RESPOSTAS			
	Jogos e brincadeiras	Atividades mecânicas	Atividades perceptivo motoras	Aulas voltadas para o aspecto cognitivo
Prof. E.F (a)	X		X	X
Prof. <sup>a</sup> E.F (b)	X		X	X
Prof. <sup>a</sup> Sala de aula (c)	X		X	X
Prof. <sup>a</sup> Sala de aula (d)				X
Prof. <sup>a</sup> Sala de aula (e)	X	X	X	X

Fonte: Questionário aplicado aos professores da APAE - Macapá.

De acordo com o quadro demonstrativo, todos os professores consideram que as atividades com jogos e brincadeiras contribuem para a aprendizagem do SD, com exceção do professor (e) que considera as atividades pedagógicas como relevante apenas para o cognitivo. Isto demonstra que este educador não está utilizando os jogos de maneira que estimule os aspectos motores, sociais, afetivos, ou seja, a prática está voltada para as conquistas intelectuais do aluno, logo está esquecendo que este apresenta atraso global no desenvolvimento.

É importante ressaltar, segundo Rau (2007), que: “as contribuições de Piaget e Vygotsky levam os professores a compreenderem as atividades lúdicas como

parte da vida da criança. O entendimento sobre a relação entre jogo de exercício sensório-motor, jogo simbólico e jogo de regras como um processo contínuo e, ao mesmo tempo, inter-relacionado que propicie a compreensão sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem infantil”.

Nesta perspectiva, é imprescindível que os professores planejem suas atividades com objetivos claros a serem alcançados, levando em consideração os interesses do educando e as condições para realização da tarefa proposta. Assim, é necessário organizar situações de ensino dentro de um contexto de aprendizagem que possibilite o uso do jogo como recurso pedagógico, a fim de colocar o aspecto biopsicossocial do aluno em ação.

Schwartzman (2003) esclarecem que o objetivo no atendimento do aluno com SD é avaliar suas dificuldades de aprendizagem e suas necessidades especiais, a fim de considerá-las numa perspectiva interativa dos fatores que determinam a intervenção educacional.

Nesse processo de intervenção educacional, Rau (2007), destaca que o jogo é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, pois o processo de vivenciar situações imaginárias leva a criança ao desenvolvimento do pensamento abstrato, quando novos relacionamentos são criados no jogo entre significações e interações com objetos e ações.

Então, fica evidente que o jogo lúdico é um meio de estimular o desenvolvimento motor, cognitivo, social, linguístico e cultural dos alunos com SD. Ferreira (2006, p. 36), afirma que não se pode pensar numa intervenção isolada, os conteúdos disciplinares devem se entrelaçar num único contexto o aprender.

Assim é imprescindível que o planejamento das atividades pedagógicas seja realizado de maneira interdisciplinar, pois permite a evolução da aprendizagem do aluno com Síndrome de Down, bem como o ajudará na interação e socialização de suas atividades tanto na escola como em seu meio social, ajudando no processo de inclusão.

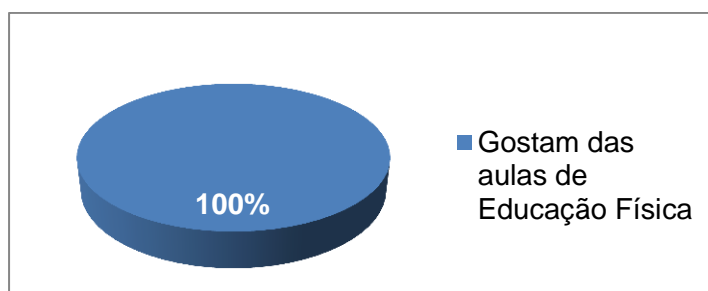
#### **4.2. Resposta dos alunos com Síndrome de Down em relação às atividades desenvolvidas nas aulas de educação física.**

Durante as observações realizadas nas aulas de Educação Física, se verificou alguns alunos dispersos, sem interesse em participar das atividades como futebol e corrida, porém em atividades que havia maior interação entre professor e aluno, estes se mostravam mais motivados. Isto demonstra a necessidade destes alunos serem estimulados constantemente.

Soler (2005) enfatiza que “o papel do professor de Educação Física na inclusão, como em qualquer outra modalidade de ensino, é o de criar desequilíbrios, apresentando ao seu aluno, o novo e o desconhecido, pois diante do desafio a criança tende a assimilar o conhecimento, utilizando os recursos motores e mentais que possui”.

Com relação a este componente curricular, os alunos foram questionados se gostavam das aulas de Educação Física. Segundo os resultados, 100% dos alunos responderam sim, que gostam das atividades.

#### **Gráfico 03 - Das atividades desenvolvidas pelo professor de Educação Física.**



Fonte: Roteiro de Entrevistas com os alunos da APAE - Macapá.

Segundo Ferreira (2006) “com a mudança das políticas educacionais, o enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor e social, possibilitando uma cultura corporal que contemple conhecimentos produzidos pela sociedade a respeito de corpo e movimento, na busca do prazer e da saúde. Com esse novo paradigma,

o aluno passou a ser considerado como um todo, no qual aspectos cognitivos, afetivos e corporais estão inter-relacionados em todas as situações”.

Essa nova perspectiva possibilitou um ambiente mais atrativo para o aluno com deficiência, logo este se sente atraído pelas as atividades pedagógicas que não estão apenas direcionadas a competição, mas também contempla a interação, socialização, autonomia, desenvolvimento motor e intelectual, os quais são fundamentais para sua vida em sociedade. O mais importante é que aprendem com alegria e descontração.

Perguntou-se aos alunos quais atividades costumam realizar nas aulas de Educação Física? Quadro 04.

#### **Quadro 04 - Atividades realizadas nas aulas de educação física**

<b>Alunos</b>	<b>Atividades que costumam fazer nas aulas de Educação Física</b>	<b>Atividades que gostam mais.</b>
A	Jogar bola e queimada.	Jogar bola e conversar
B	Jogar bola, basquete e as brincadeiras.	Jogar basquete
C	Jogar bola, pular corda e atividades de salto.	Brincar com os brinquedos e atividades com bolinhas.
D	Ginastica, pular corda, caminhada e jogar bolas.	Pular corda

Fonte: Roteiro de Entrevistas com os alunos da APAE - Macapá.

O quadro 04 se refere às atividades realizadas nas aulas de Educação Física. Todos os alunos citaram as atividades de jogo com bola. Através das observações realizadas nas aulas de Educação Física, constatou-se que a atividade de jogar bola não se refere somente ao ato de jogar por jogar, mas estão direcionadas para atividades dirigidas que proporcionam ao aluno:

- Saltar sobre obstáculos
- Lançar e segurar (receber)
- Correr e lançar no alvo
- Identificar cores
- Selecionar tamanhos e quantidades, entre outros.

Para Le Boluch (1988), citado por Ferreira (2006) diz que: “a Educação Física é uma peça de engrenagem que auxiliará no desenvolvimento global do educando. É nas aulas de Educação Física que ocorre a maior contribuição para o desenvolvimento psicomotor da criança, de quem depende, ao mesmo tempo, a evolução de sua personalidade e o sucesso escolar”.

Observou-se que suas as escolhas dos alunos estão relacionadas à utilização da bola, o que fortalece a ideia de movimento, ação-reação, envolvimento no jogo, estimulando desse modo aprendizagem do educando.

“Como todas as outras disciplinas educativas, a Educação Física procura, ao mesmo tempo, o desabrochar das aptidões do indivíduo e a aquisição das capacidades extraídas ao patrimônio humano. Para tanto, ela associa uma pedagogia de desenvolvimento, que respeita aquilo que a criança traz em si, a uma pedagogia de formação, preocupada em proporcionar-lhe mais poder sobre si próprio, e sobre o mundo”. (Tisi, 2007, p. 19)

Desse modo, fica claro que a Educação Física contribui de forma significativa na aprendizagem do aluno com SD, pois a ação prática desse componente curricular proporciona a organização das funções neuropsicológicas, essencial para a atividade escolar.

Diante desse resultado fica claro que realmente os jogos lúdicos estão sendo trabalhados na prática pedagógica, logo estão contribuindo para a aprendizagem do aluno com SD. Porém, a ação interdisciplinar necessita se melhor organizada através do planejamento entre os professores da sala de aula e os de Educação Física. A interdisciplinaridade é o ponto de encontro entre os componentes curriculares e pode ser uma solução para a fragmentação do conhecimento científico.

## 5. CONCLUSÃO

O trabalho realizado pela APAE-Macapá, na área educacional, demonstra que práxis pedagógicas planejadas e organizadas de acordo com as necessidades apresentadas, pelo aluno com SD, contribuem significativamente para o desenvolvimento e potencial deste educando. Essa realidade mostra que todo o indivíduo tem condições para aprender, independente da natureza das diferenças individuais, basta apenas criar os mecanismos de acesso ao conhecimento.

Neste espaço pedagógico, o jogo tem sido um instrumento viabilizador dos conteúdos programáticos, tornando-se desse modo, um meio para atingir os objetivos educacionais do processo de inclusão. As atividades realizadas através da ação lúdica permitem a construção do conhecimento pelo aluno de forma integral, evitando-se, assim a fragmentação na aprendizagem como momentos para se trabalhar a coordenação motora, outra para atenção, concentração, percepção, lateralidade, entre outros.

Neste sentido, fica evidente que é o ambiente educacional que precisa ser modificado para receber e trabalhar o aluno deficiente e, não este criar condições para ser atendido pelo sistema de ensino. O acesso dessa parcela da sociedade na escola da rede comum só vai ser efetivado quando este paradigma for colocado em prática.

Esse novo paradigma pode ser viabilizado, de acordo com os resultados da pesquisa, através de práticas pedagógicas interdisciplinares como as realizadas pela área de Educação Física, onde este componente curricular estabelece inter-relações com as demais disciplinas, visando identificar pontos em comum de conhecimento que permitam a elaboração de propostas de trabalho que promovam o desenvolvimento global do aluno com SD.

Tais propostas são elaboradas de acordo com a especificidade de cada disciplina, porém trabalhadas através de jogo lúdico o que tem possibilitado troca de experiência entre os educadores. Além de ter gerado uma evolução significativa na aprendizagem do aluno com deficiência intelectual, considerando que as atividades pedagógicas mediadas por esse recurso, permite a vivência nas linguagens



expressivas do jogo como instrumento simbólico da leitura e da escrita de mundo.

O processo interdisciplinar configura – se como de extrema importância para um ambiente educacional inclusivo, principalmente, em se tratando de pessoas com Síndrome de Down que apresentam a deficiência intelectual como característica. Então, as atividades pedagógicas devem estimular não só o aspecto motor do aluno, mas também o cognitivo, pois este educando tem um potencial que precisa ser trabalhado de forma integral.

É importante enfatizar que a Educação Física não pode mais ser compreendida apenas como promotora de atividades físicas, suas ações extrapolam o limite do desenvolvimento motor e ganham dimensões de educação humanista, fundamentada na concepção de corpo e movimento. Logo, as atividades pedagógicas, do contexto educativo, devem envolver o indivíduo de forma integral, atendendo as necessidades específicas de sua aprendizagem.

Nessa perspectiva, as atividades pedagógicas com jogos lúdicos trabalhados nas aulas de Educação Física foram analisadas e identificadas como facilitadoras do processo de aprendizagem do educando com SD, visto que a aprendizagem de movimentos complexos estimulam habilidades motoras, cognitivas, sociais e afetivos, os quais são fundamentais para a aquisição de conhecimentos mais elaborados.

Essa dinamicidade na aprendizagem do aluno com Síndrome de Down possibilitou um ambiente rico em estímulo para este educando, considerando que sua aprendizagem é lenta, porém este ritmo é respeitado e trabalhado de acordo com as necessidades especiais apresentadas. As intervenções pedagógicas na sala de aula, de acordo com o resultado da pesquisa, demonstram que o aluno evoluiu na área da linguagem, da socialização e principalmente na articulação dos mecanismos de aquisição de leitura e escrita.

As aulas de Educação Física sempre foram atrativas para os alunos, em função do movimento do corpo, da alegria com que são efetivadas as atividades pedagógicas com as crianças. Neste processo, estas demonstram suas dificuldades e nível evolutivo na aprendizagem. Assim, o processo ensino-aprendizagem torna-se

dinâmico, menos excludente para o aluno com deficiência intelectual. As atividades desse componente curricular têm colaborado para a construção de representações mentais através da ação corporal, possibilitando maior autonomia para o aluno com SD.

Neste contexto, o planejamento das atividades pedagógicas através da ação interdisciplinar é de extrema importância, pois é a partir dele que se consegue construir uma unidade no processo educacional, evitando-se, desse modo, a tradicional concepção fragmentada e desarticulada do conteúdo programático. Então, a interdisciplinaridade é condição necessária para o diálogo com as outras formas de conhecimento, tornando-se, assim uma prática inclusiva.

Essa prática interdisciplinar poderia ser estruturada, neste ambiente educacional, através de um projeto que envolvesse maior número de disciplinas, pois desse modo poderia se ampliar os mecanismos necessários para acesso ao conhecimento científico pelo educando com SD. Essa condição é imprescindível para as futuras conquistas desse aluno.

Assim, planejar as ações pedagógicas em parceria com a Educação Física é criar um ambiente favorável para uma contínua interinfluência entre teoria e prática, fortalecendo-se constantemente. Essa ação interdisciplinar só é possível quando cada componente curricular respeita a contribuição da outra disciplina e reconhece a possibilidade de troca de experiência entre todos os envolvidos no processo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXEPCIONAIS DE MACAPÁ. **Organizações dos Planejamentos da Educação Física, Desporto e Lazer das APAES no Estado do Amapá - Educação Física Escolar - 2008.**
2. ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXEPCIONAIS DE MACAPÁ. **Projeto Político Pedagógico**, 2005.
3. BERGAMO, Regiane Banzatto. Pesquisa e Prática profissional: **Educação Especial**. Curitiba, IBPEX, 2009.
5. BISSOTO, Maria Lúcia. **Desenvolvimento Cognitivo e o Processo de Aprendizagem do Portador de Síndrome de Down**: revendo concepções e perspectivas educacionais. Ciência & cognição, Piracicaba, SP- vol. 04, 2005. Disp. </htt// www. Ciências e cognição. Org />. Acesso em 15/ 06/ 2012.
6. BRAGA, Aline Cynthia; Vinícios, Álisson; Carvalhais, Luciene. **Inclusão social da pessoa com deficiência intelectual e múltipla: autogestão, autodefesa e família**. Projeto Águia. Ind. Congresso Nacional das APAES, XXIV, 2011, Belém. Anais. Federação Nacional das APAES. Organizador: Sérgio Sampaio Bezerra; 2.ed.Brasília. 2011.
7. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**: Adaptações curriculares, Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Secretária de educação especial. Brasília: MEC/ SEF/SEESP, 1998.
8. CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Nº 93/ 94, de 1996.
9. FACION, José Raimundo, Organizador Mattos, GUIMARÃES, Carmem Lúcia, [etc.al]. **Inclusão Escolar e suas Implicações**. 2ª ed. Curitiba. IBPEX. 2009.

10. FEITOZA, Edvânia Albuquerque. **Nível de Desenvolvimento Motor da Criança com Síndrome de Down do Sexo Feminino e Masculino de 06 a 10 anos da APAE - Macapá**. 2011. Mestrado em Educação Física.
11. FERREIRA, Vanja. Educação Física - **Interdisciplinaridade, Aprendizagem e Inclusão**. Rio de Janeiro: Sprint. 2006.
12. \_\_\_\_\_, Educação Física Escolar - **Desenvolvendo Habilidades**. Rio de Janeiro: Sprint. 2006.
13. OLIVEIRA, Carlos Afonso da Silva. **Os Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência**; Consultores: Carlos Alberto Trindade, Ângela Maria Gonçalves e Ubiratan da Silva Ribeiro de Souza - Brasília: Corde, 2001.
14. PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social** - 5ª. edição. São Paulo: Summus, 2001.
15. PUESCHEL, SIEGFRIED, (org.) **Síndrome de Down - Guia pra Pais e Educadores**, Tradução Lúcia Helena Relly - Campinas, SP, Papyrus, 1993 - (Série Educação Especial)
16. RUA, Maria Trois Dorneles. **A Ludicidade na Educação: uma atitude pedagógica** - Curitiba: IBEPEX, 2007.
17. SANTOS, Calos Antônio dos. **Jogos e Atividades Lúdicas na Alfabetização**. Rio de Janeiro: Sprint. 1998.
18. SANTOS, Erica Iolanda Rodrigues dos. NETO, Artur Joaquim Preguiça. GAMA, Patrícia de Souza. **A Dança e seus Aspectos Psicomotores em Educação Física Infantil para Crianças com Síndrome de Down**. EF. Desportes. Com. Revista Digital. Buenos Aires. Ano 16, Nº 162, Novembro de 2011. <http://www.efdesportes>, acesso em 15/06/2012.
19. SCHWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down** - 2ª ed. São Paulo, Mennon: Marckenzie, 2003.

20. SOLLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusão**: em busca de uma escola plural. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

21. TISI, Laura. **Educação Física e a Alfabetização**. Rio de Janeiro: 2ª edição: Sprint. 2007.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - Roteiro de Observação do Ambiente de Aprendizagem**

### **1 - Caracterização da Instituição:**

- Localização, ambiente (estrutura física);
- Cultura (práticas cotidianas)

### **2 - Caracterização do local onde acontece a aula de Educação Física:**

- Estrutura física e material

### **3 - Caracterização da sala de aula:**

- Quantidade de alunos da sala de aula/ Sexo
- Quantidade com aluno com Síndrome de Down;
- Assiduidade dos alunos;
- Formas de aceitação e exclusão observadas entre os colegas da sala.
- Formas de aceitação e exclusão observadas entre os colegas na aula de Educação Física.

### **4 - Observação das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor:**

- Características profissionais do professor (pontualidade, assiduidade, segurança em relação a sua prática, técnicas utilizadas, gosto pela profissão, atenção ao aluno);
- Percebe interesse e participação do aluno com Síndrome de Down nas aulas;
- Pontualidade, assiduidade, participação na aula, relacionamento com o professor de Educação Física e colegas;
- Organização e critérios utilizados para a realização das atividades com o aluno com Síndrome de Down, procurando fazer adaptações nas atividades;
- Procura trabalhar com jogos e brincadeiras;
- Disponibiliza em suas aulas materiais didáticos diversificados;
- Orientações didáticas, (organização do tempo, atividades permanentes, sequência de atividades, projeto de trabalho, organização do espaço e seleção de materiais, registro e avaliação formativa).
- A relação percebida entre o aluno com Síndrome de Down e o restante do grupo.
- Os professores tentam tornar as lições acessíveis à compreensão de todos.

## APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista com as Crianças

1. Qual é seu nome completo? Quantos anos você tem? \_\_\_\_\_

2. Qual a data de seu nascimento? Qual a cidade que você nasceu? \_\_\_\_\_

3. Você sabe seu endereço?

( ) Sim ( ) Não Qual: \_\_\_\_\_

4. Quantas pessoas moram em sua casa? ( ) Pessoas.

5. Quem são?

( ) Pai \_\_\_\_\_

( ) Mãe \_\_\_\_\_

( ) Tios (as) \_\_\_\_\_

( ) Irmãos \_\_\_\_\_

( ) Outros \_\_\_\_\_

6. Quantos irmãos você tem? ( ) Irmãos. Qual é o nome deles?

\_\_\_\_\_

7. Quantas pessoas trabalham em sua casa, e com que elas trabalham?

\_\_\_\_\_

8. Você costuma sair de casa para passear?

( ) Praças

( ) Shopping

( ) Cinema

( ) Casa de parentes

( ) Aniversários.

( ) Outros \_\_\_\_\_; Quem leva você? \_\_\_\_\_

9. O que você costuma fazer para se divertir quando esta em casa?

( ) Assistir televisão

( ) Brincar na rua com os colegas

( ) Brincar na casa dos colegas

( ) Acessa a internet

( ) Outros \_\_\_\_\_



10. Quais seus programas de televisão favoritos?

---

11. Você costuma ajudar nas atividades de casa?

Arruma suas coisas

Ajuda a cuidar de seus irmãos

Ajuda a arrumar a casa

Outros \_\_\_\_\_

12. Você costuma foliar ou ler algum tipo de livros, revistas, folhetos ou outros Materiais de leitura que possuem em casa?

Sim     Não

Quais \_\_\_\_\_

13. Você gosta de você?

Sim muito     Sim pouco    Por que? \_\_\_\_\_

14. Você gosta de estudar?

Sim     Não    Por que? \_\_\_\_\_

15. Você gosta da escola?

Sim     Não    Por que? \_\_\_\_\_

16. Você gosta dos seus professores?

Sim     Não    Por que? \_\_\_\_\_

17. Você gosta dos colegas da escola?

Sim     Não    Por que? \_\_\_\_\_

18. Outros elementos que se façam presentes durante as conversas.

## APÊNDICE C - Questionário para o Docente de Educação Física

O presente questionário destina-se à realização de um trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa UAB da Universidade de Brasília-Polo Macapá-AP. As suas respostas são fundamentais para a concretização deste estudo. Agradeço desde já a sua colaboração por meio do preenchimento deste instrumento. Todas as informações recolhidas são essenciais e serão mantidas em sigilo, utilizadas apenas para os fins da pesquisa.

Muito Obrigada!

Idade:\_\_\_\_\_ Sexo:\_\_\_\_\_ Formação Acadêmica:\_\_\_\_\_

Atuação profissional na instituição: \_\_\_\_\_ Tempo de experiência profissional no magistério: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na educação especial e Ensino Fundamental \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na escola da APAE-Macapá (AP) \_\_\_\_\_

1. Você já participou de formação continuada na área de Educação Especial?

( ) Sim ( ) Não Qual? \_\_\_\_\_

2. Qual a sua concepção sobre a educação especial?

( ) Se faz necessária ( ) É uma forma de separação

Outros: \_\_\_\_\_

3. Qual a sua concepção acerca da inclusão na escola regular?

( ) Um erro ( ) Necessário

Por quê? \_\_\_\_\_

4. Qual a sua concepção sobre o aluno com síndrome de Down?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5. O que você pensa sobre o processo de aprendizagem da criança com Síndrome de Down?

- Existem muitas expectativas errôneas
- Tem muita capacidade
- Sua aprendizagem depende de seu convívio social e familiar
- Sua aprendizagem depende de sua interação com seus professores

Outros \_\_\_\_\_

6. Você planeja as aulas levando em consideração o princípio da diversidade (o planejamento das aulas responde à diversidade do alunado)?

- Sim       Não

7. Em sua opinião, as adaptações curriculares feitas pela escola para atender às necessidades do aluno com síndrome de Down, contribuem para um bom processo de aprendizagem?

- Sim foi necessário       Não foi desnecessário

Comente \_\_\_\_\_

8. Você procura trabalhar de forma interdisciplinar em suas aulas?

- Sim       Não

De que forma? \_\_\_\_\_

9. Quais as atividades que você trabalha que envolvem as demais disciplinas do currículo escolar?

\_\_\_\_\_

10. Acontece parceria entre o seu atendimento e o da professora de sala de aula?

- Sim       não

Como acontece? \_\_\_\_\_

11. Quais são as atividades realizadas em suas aulas que estão contribuindo na aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down?

- Jogos e brincadeiras     Atividades esportivas     Atividades mecânicas
- Aulas voltadas para o aspecto cognitivo

Outros \_\_\_\_\_

12. Essas atividades estão em sintonia com os temas abordados em sala de aula?

- Sim       Não

Como? \_\_\_\_\_ 13.

Os alunos participam de todas as atividades planejadas em suas aulas?

( ) Sim ( ) Não

Por quê? \_\_\_\_\_

14. Como acontece a participação dos alunos com Síndrome de Down na sua aula?

\_\_\_\_\_

15. Quais atividades despertam mais interesse?

( ) Dinâmicas ( ) Gincanas ( ) Atividades culturais  
( ) Jogos ( ) Lazer ( ) Esporte ( ) Outros

16. Os alunos apresentam algum tipo de preconceito com os colegas? Que tipo.

( ) Apelidos pejorativos ( ) Discriminação Racial ( ) Bulling

Outros \_\_\_\_\_

17. De que forma você atua para minimizar ações discriminatórias que possam ocorrer em suas aulas?

( ) Projetos ( ) Palestra ( ) Conversas ( ) Reuniões com os pais

Outros \_\_\_\_\_

18. Como os alunos interagem em contato com jogos e brincadeiras, através das aulas de educação física?

\_\_\_\_\_

19. Que tipos de jogos e brincadeiras você costuma trabalhar com os alunos para estimular sua aprendizagem?

( ) Jogos sensoriais ( ) Jogos de representação ( ) Jogos cooperativos

( ) Jogos populares ( ) Jogos coletivos ( ) Brincadeiras populares

20. Quais você costuma usar mais? \_\_\_\_\_

21. Em sua opinião, a escola possibilita o bom desempenho das aulas com materiais didáticos adequados?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

22. Você tem dificuldade em trabalhar com alunos com algum tipo de limitação física?

Sim  Não  Falta de cursos materiais  Estrutura Física

Outros

23. O que você faz ou fez para superar essas dificuldades?

---

24. Em sua opinião, a avaliação estimula o êxito de todos os alunos?

Sim  Não

Como? \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D - Questionário Para o Docente de Sala De Aula

O presente questionário destina-se à realização de um trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa UAB da Universidade de Brasília-Polo Macapá-AP. As suas respostas são fundamentais para a concretização deste estudo. Agradeço desde já a sua colaboração por meio do preenchimento deste instrumento. Todas as informações recolhidas são essenciais e serão mantidas em sigilo, utilizadas apenas para os fins da pesquisa.

Muito Obrigada!

Idade:\_\_\_\_\_ Sexo:\_\_\_\_\_ Formação Acadêmica:\_\_\_\_\_

Atuação profissional na instituição: \_\_\_\_\_

Tempo de experiência profissional no magistério: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na educação especial e Ensino Fundamental \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na escola da APAE-Macapá (AP) \_\_\_\_\_

1. Você já participou de formação continuada na área de Educação Especial?

( ) Sim ( ) Não Qual? \_\_\_\_\_

2. Qual a sua concepção sobre a educação especial?

( ) Se faz necessária ( ) É uma forma de separação

Outros: \_\_\_\_\_

3. Qual a sua concepção acerca da inclusão na escola regular?

( ) Um erro ( ) Necessário

Por quê? \_\_\_\_\_

4. Qual a sua concepção sobre o aluno com síndrome de Down?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5. O que você pensa sobre o processo de aprendizagem da criança com Síndrome de Down?

- Existem muitas expectativas errôneas  
 Tem muita capacidade  
 Sua aprendizagem depende de seu convívio social e familiar  
 Sua aprendizagem depende de sua interação com seus professores

Outros \_\_\_\_\_

6. Você planeja as aulas levando em consideração o princípio da diversidade (o planejamento das aulas responde à diversidade do alunado?)?

- Sim       Não

7. Em sua opinião, as adaptações curriculares feitas pela escola para atender às necessidades do aluno com síndrome de Down, contribuem para um bom processo de aprendizagem?

- Sim foi necessário       Não foi desnecessário

Comente \_\_\_\_\_

8. Acontece parceria entre o seu atendimento e o do professor de Educação Física?

- Sim       não

Como acontece? \_\_\_\_\_

9. Quais são as atividades realizadas em suas aulas que estão contribuindo na aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down?

- Jogos e brincadeiras     Atividades perceptivo motoras     Atividades mecânicas     Aulas voltadas para o aspecto cognitivo

Outros \_\_\_\_\_ 10.

Os alunos participam de todas as atividades planejadas em suas aulas?

- Sim       Não

Por quê? \_\_\_\_\_

11. Como acontece a participação dos alunos com Síndrome de Down na sua aula?

\_\_\_\_\_

12. Quais atividades despertam mais interesse?

- Dinâmicas e brincadeiras     Gincanas     Atividades culturais     Jogos de raciocínio lógico     Leitura e escrita     Outros

13. Os alunos apresentam algum tipo de preconceito com os colegas? Que tipo.

- Apelidos pejorativos     Discriminação Racial     Bulling

Outros \_\_\_\_\_

14. De que forma você atua para minimizar ações discriminatórias que possam ocorrer em suas aulas?

Projetos     Palestra     Conversas     Reuniões com os pais

Outros \_\_\_\_\_

15. Como os alunos interagem em contato com jogos e brincadeiras, como forma de aprendizagem?

\_\_\_\_\_

15. Que tipos de jogos e brincadeiras você costuma trabalhar com os alunos para estimular sua aprendizagem?

Jogos sensoriais     Jogos de representação     Jogos cooperativos

Jogos populares     Jogos coletivos     Brincadeiras populares

Quais você costuma usar mais? \_\_\_\_\_

16. Em sua opinião, a escola possibilita o bom desempenho das aulas com materiais didáticos adequados?

Sim             Não             Às vezes

17. Você tem dificuldade em trabalhar com alunos com algum tipo de limitação física?

Sim     Não     Falta de cursos materiais     Estrutura Física           

Outros

18. O que você faz ou fez para superar essas dificuldades?

\_\_\_\_\_

19. Em sua opinião, a avaliação estimula o êxito de todos os alunos?

Sim     Não

Como? \_\_\_\_\_



## **ANEXOS**

## ANEXO A - Termo de Ciência da Instituição



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO  
BRASÍLIA - DF  
TELEFONE (081) 3107-1947  
E-mail: [ceps@unb.br](mailto:ceps@unb.br)  
<http://fs.unb.br/cep/>

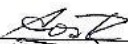
### TERMO DE CONCORDÂNCIA

Ao Diretor Airton Mauro Nina da Costa, responsável pela Escola Lobinhos Antônio Sérgio Machado de Almeida APAE-Macapá, está de acordo com a realização, nesta unidade escolar, da pesquisa Educação Física Uma Aprendizagem Multidisciplinar Através do Jogo: Estudo Com Alunos Síndrome de Down de 09 A 14 Anos na APAE-Macapá, de responsabilidade do pesquisador Ketsia Rosana Costa Vaz, para desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso dos(as) estudantes do curso a distância de Educação Física/UnB, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.

O estudo envolve realização de análise documental, observações participantes, entrevistas e questionários com professores e estudantes da Secretaria de Educação de (Porto Velho, Amapá, Ariquemes ou Brasília). Tem duração de 1 mês, com previsão de início para 08/2012.

(Local), 03 Setembro 2012

Diretor/coordenador responsável:

  
Assinatura/carimbo  
Airton Mauro Nina da Costa  
Dir. Pedagógico  
CPF: 070.193.402-30  
APAE-MACAPÁ

Pesquisador Responsável pela pesquisa:

  
Assinatura

## ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (professores)

### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE*

O (a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto: **Educação Física uma Abordagem Interdisciplinar Através do Jogo: Estudo com Alunos Síndrome de Down de 09 a 14 anos da APAE – Macapá.**

O objetivo desta pesquisa é: Compreender como os jogos lúdicos trabalhados de forma interdisciplinar nas aulas de Educação Física contribuem para aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down na sala de aula da escola APAE-Macapá.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação será através de um questionário ou entrevista que o(a) senhor(a) deverá responder na escola ou outro local combinado na data combinada com um tempo estimado para sua realização de 1 hora. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília – podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dr(a). Keila Fontana, na instituição Universidade de Brasília telefone: (61) 3107-2555, no horário: 8:00 às 12:00hs e das 14:00 às 18:00hs.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

*Josef Joaquin Gama da Silva*  
Nome / assinatura

*Marcione Barreto Figueiredo.*  
Pesquisador Responsável  
Nome e assinatura

Macapá, *20 de Setembro* de *2012*

## ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (alunos)

### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE*

O (a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto: **Educação Física uma Abordagem Interdisciplinar Através do Jogo: Estudo com Alunos Síndrome de Down de 09 a 14 anos da APAE – Macapá.**

O objetivo desta pesquisa é: Compreender como os jogos lúdicos trabalhados de forma interdisciplinar nas aulas de Educação Física contribuem para aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down na sala de aula da escola APAE-Macapá.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação será através de um questionário ou entrevista que o(a) senhor(a) deverá responder na escola ou outro local combinado na data combinada com um tempo estimado para sua realização de 1 hora. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília – podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dr(a). Keila Fontana, na instituição Universidade de Brasília telefone: (61) 3107-2555, no horário: 8:00 às 12:00hs e das 14:00 às 18:00hs.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Ana Maria de Moraes  
Nome / assinatura

Marcione Barros Guimarães  
Pesquisador Responsável  
Nome e assinatura

Macapá, 24 de Setembro de 2012